

UE

Fundações querem “Pacto para a Europa”

Um consórcio das maiores fundações europeias organiza debates por toda a União para ouvir cidadãos e políticos

É um ambicioso projeto que as maiores fundações europeias resolveram levar a cabo em conjunto: reunir decisores políticos, cidadãos e parceiros sociais em quase todos os Estados da União, ouvi-los sobre o estado desta e, a partir daí, lançar a proposta de um “Novo Pacto para a Europa” às instituições europeias.

O projeto começou a avançar no princípio deste ano mas teve já este mês em Lisboa o lançamento de uma das suas primeiras pedras: uma reunião de “decisores políticos” (leia-se membros do Governo, deputados nacionais e do Parlamento Europeu e ex-responsáveis governamentais) para discutir, à porta fechada, o que fazer da Europa, para que serve ela, que necessidades há, o que é preciso fazer. Mais tarde, realizar-se-ão também em Lisboa dois outros encontros, um tipo “sondagem deliberativa” e outro aberto à sociedade civil.

A constatação-base do projeto é a que fazem todos os europeístas preocupados: a Europa tal como está não funciona, as divergências acentuam-se e o ceticismo e o antieuropeísmo crescem pelo continente fora. As eleições europeias dentro de cinco meses dirão quanto.

Uma portuguesa no meio

Os promotores da iniciativa são de peso: um consórcio das maiores fundações europeias, lançado pela King Baudouin Foundation (Bélgica), na qual se associam, por cá, a Gulbenkian, mas também mais duas belgas (a Network of European Foundations e a European Policy Centre) e três alemãs (entre elas a Bertelsmann), duas espanholas, uma finlandesa, uma holandesa, num total de 19 *think tanks*. No núcleo central do projeto (“o grupo de reflexão”), uma portuguesa: Maria João Rodrigues, professora, ex-ministra e conselheira das instituições europeias.

A ideia é colocar aos participantes dos mais de 50 debates previstos entre dezembro e abril a diferentes níveis cinco opções “de futuro”, cuja definição consta de um relatório preliminar (ver www.newpactforeurope.eu). Trata-se de cinco estraté-

gias possíveis, que variam da atual visão do avanço gradual “passo a passo”, ao regresso ao passado do mercado comum, passando por escolhas mais ou menos arrojadas de dotar a União de novos instrumentos ou mesmo um espécie de “salto federal”.

Será com base nestas discussões que, no final, será elaborado o tal “Pacto”, com um conteúdo concreto sobre os princípios básicos e os caminhos sobre os quais todos estão de acordo, do norte ao sul da Europa, e que será apresentado em meados do ano às instituições europeias já resultantes das eleições.

No encontro em Lisboa, que teve lugar na Gulbenkian, só os parlamentares do Bloco de Esquerda e do PCP não responderam à chamada. Mas estiveram membros dos outros partidos. O eurodeputado Rui Tavares, que participou como independente, disse ao Expresso que entende que “um dos elementos essenciais para ultrapassar a crise e construir uma real democracia europeia”, porque “os canais estão tão emperrados que, quando se chega ao momento da decisão, quem o faz são os grandes países, ou os grandes interesses ou a burocracia de Bruxelas”.

LUÍSA MEIRELES

lmeireles@expresso.impresa.pt